

ESCRITA E FORMAÇÃO: ENTRE OS CADERNOS DE ANOTAR A VIDA E OS CADERNOS DE PESQUISA

Marcia Moraes

março de 2021, em meio ao caos e às dores da pandemia da Covid-19.

Isabel Allende é, sem dúvida, uma grande escritora, uma grande contadora de histórias. Em seu clássico *A casa dos espíritos*, publicado originalmente em 1982, Clara, uma das personagens, passa a vida escrevendo em seus *Cadernos de Anotar a Vida*. Clara é uma mulher que escreve, que transita entre o mundo dos vivos e o dos mortos, entre a cidade e o campo, entre a razão e a desrazão, entre a opressão patriarcal e a resistência das mulheres, entre a opressão e a insurgência. Clara vive, transita e escreve sempre colocando em xeque a facilidade das oposições binárias. Ela vive num entre-mundos. Para quem Clara escreve? Para quê? Por quê?

Não creio que possamos dar apenas uma resposta a cada uma dessas perguntas. É possível, porém, esboçar respostas que são também caminhos de leituras para esta obra-prima, cujo cenário é o sul das Américas entre o final do século XIX e meados do século XX, quando um golpe civil-militar instaura uma ditadura e assume como norma a violência, a tortura e o silenciamento das dissidências. Os *Cadernos de Anotar a Vida* permanecem pulsantes, mesmo depois que Clara parte para o mundo dos espíritos. Um de seus destinatários somos nós, que lemos o livro e que acompanhamos a resistência dessa mulher e de tantas outras, em produzir e cultivar a vida, em cuidar dos outros, mesmo que o mundo vá se tornando cada vez mais opressor, cada vez mais instituído e institucionalizado

na violência patriarcal. Clara escreve para que não esqueçamos da resistência, da luta, da ternura, da força. Clara escreve para outra de sua linhagem que retomará a pena, no meio dos escombros, e recomeçará a escrita, parindo de novo um mundo possível com a caneta e com o ventre. Clara escreve para todas as mulheres que virão depois dela; para preservar a memória, para desenhar um futuro, quem sabe, menos opressor. Clara escreve para os insurgentes.

Refazer, retecer, renascer. Nessa obra de ficção, a história recomeça com e pela escrita de mais uma mulher, assim como de seu ventre nascerá mais uma vida, a reinaugurar flores no solo – temporariamente – desértico. De tudo o que havia registrado nos *Cadernos de Anotar a Vida*, a herdeira de Clara, sua neta, encontra um fio a partir do qual recomeçará a narrar. Esse fio é Barrabás, o cachorro que décadas antes havia chegado pelo mar para seguir e acompanhar a família. Não me parece que o recomeço, justo por esse fio, seja arbitrário, pois que Barrabás, figura histórica polissêmica, carrega a marca da rebeldia contra as opressões. Barrabás, o cão que amou Clara e os seus, como espécie companheira (Haraway, 2008), e sustentou as revoltas e as insurgências que se teciam no cotidiano daquela família. Como nos adverte Sunaura Taylor (2017), no pensamento colonial há uma relação entre o lugar que ocupam os animais e aquele ocupado pelas figuras racializadas, genericadas, marcadas como deficientes: são subalternizados e objetificados. Para Taylor (2017), Haraway (2008, 2019) e outras feministas, a opressão animal é articulada a outras formas de opressão colonial. Assim, retomar a história por Barrabás, o cão, é já assumir uma posição política de que, por esse fio, talvez se possa recontar a história a partir de outras conexões, de outras articulações, e com a aposta política de sustentar rebeldias. Ouso dizer que seguir as conexões de Barrabás, o vira-lata, é o que Haraway (2019) nos convoca a fazer para ficarmos com o problema, sem buscarmos respostas fáceis, como se pudéssemos olhar de longe o cenário social em que vivemos. Para a autora, ficar com o problema é “estar verdadeiramente presente, não como um eixo que desaparece entre passados horríveis ou edênicos e futuros apocalípticos ou de salvação, mas como criaturas mortais entrelaçadas em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, assuntos, significados” (Haraway, 2019, Kindle, posição 182-183).

Por isso, retomar a caneta para seguir com os *Cadernos de Anotar a Vida* é tarefa ao mesmo tempo pessoal e política. Digo pessoal porque é uma mulher que pega de novo a caneta e que contará a história de sua família. E é política porque o que se passa na configuração inacabada de uma família é entrelaçado por muitas outras conexões de lugares, tempos e espécies companheiras, que contam a história de um país desde a questão da posse e do uso da terra até a

formação política de tantos e tantas que lutarão para redistribuir riquezas, vozes e agências de modo mais digno, mais justo, mais equânime. Narrar, portanto, é uma empreitada localizada, situada e não necessariamente particular. Dizer que narrar é uma empreitada localizada significa indicar que a escrita está imersa em conexões, em emaranhados de relações semiótico-materiais que nos permitem ver de algum lugar, pensar a partir de alguma posição. Colocar em cena tais conexões não é, necessariamente, engajar-se numa escrita particular no sentido de alguma coisa que se fecha entre muros ou que se desenha como um desabafo confessional. Dizer que uma escrita é localizada é afirmar que ela é altamente capilarizada, altamente conectada e emaranhada com feixes de relações que articulam humanos e não humanos.

Assim, nos *Cadernos de Anotar a Vida*, no livro de Allende, os registros operam nos âmbitos pessoal e político. Despret e Stengers (2011) afirmam que o pessoal é político exatamente no ponto em que aquilo que numa vida é anedótico se conecta com outras vidas. Na obra literária, a vida de uma família é entrelaçada com a vida de um país. O que se passa com a família de Clara não é separado do que ocorre no país. Os *Cadernos de Anotar a Vida* não são escritos por um “eu” isolado, fechado entre quatro paredes. São escritos a partir dos emaranhados de relação entre a vida de Clara e a vida de seu país. Sabe-se muito sobre o golpe de estado lendo-se tais *Cadernos*. Desse modo, quando outra mulher pega a caneta para seguir escrevendo, ela não escreve aprisionada no seu mundo particular. Escreve, como a avó, para tecer o vínculo entre o pessoal e o político. Puxar o fio da história, começando, ao mesmo tempo, com o filho que carrega no ventre e com Barrabás, o cachorro que veio pelo mar, é situar a narrativa entre as dores das violações de seu corpo, fruto de uma política assassina e a agência das espécies companheiras, com as quais se tecem futuros possíveis.

A “Escrita como exercício em processos formativos”, livro que o(a) leitor(a) toma agora pelas mãos, é uma obra que retoma o gesto de Clara e de todas as pessoas que recebem – de um modo ou de outro – as memórias registradas nos seus *Cadernos de Anotar a Vida*. É uma obra tocada adiante por pesquisadoras e pesquisadores que se formam na e pela escrita, lançando mão de escritas endereçadas, que buscam os olhos, os ouvidos, as escamas e a pele de seus interlocutores, sejam eles humanos ou não humanos: uma escrita endereçada, como diria talvez Haraway (2019), no Chthuluceno, nesse mundo em que nos *tornamos-com* uns com os outros, seres híbridos, tecidos em emaranhados de relações heterogêneas. A tarefa é nutrir e cultivar relações heterogêneas, abrindo mão da posição privilegiada do olho de deus que tudo julga e a todos condena, sem jamais se localizar.

É um percurso no qual se lançaram os(as) pesquisadores(as) que se reúnem nesta obra, afirmando que, na prática de pesquisa, escrever é performar mundos (Moraes e Tsallis, 2016); é ativar insurgências, é seguir com o problema, no sentido que Haraway (2019) confere a essa expressão, isto é, sustentar a “respons-habilidade”, a capacidade de responder por dentro das relações que se tecem nos campos de pesquisa, nas vidas daqueles e daquelas que se lançam na empreitada de pesquisar COM os outros e não sobre os outros (Moraes, 2010). Não há um lugar isento, como se fosse um fora das relações estabelecidas com os campos de pesquisa. É no meio de tais relações que a escrita se tece. Por certo, os(as) autores(as) que aqui se encontram seguem afirmando a radicalidade da escrita na transformação e na recomposição de nossos tecidos sociais, por vezes estilhaçados por dores, por perdas, por exaustão e por tantos outros sofrimentos e embates, ainda mais contundentes e intensos nestes tempos de pandemia. Não há inocência nos textos que aqui se reúnem.

Se não há lugar para o olho de deus nesta obra, se por aqui as escritas estão imersas no húmus dos campos de pesquisa, é porque os autores e as autoras, ao escreverem, colocam-se no jogo, desviam-se de suas certezas, transformam-se no e pelo ato da escrita. Maria Puig de la Bellacasa (2012) nos permite pensar que a escrita situada nem sempre é suave, serena, livre de gagueiras e hesitações. Ela é uma agonística, um embate entre a tentação de tudo sabermos sobre os outros com quem pesquisamos e o desafio de nos lançarmos num processo de nos *tornarmos-com*, de nos transformarmos reciprocamente. A operação de escrever no e com o húmus do campo da pesquisa é retomada na própria elaboração desta obra, tecida coletivamente com a pulsação de um *nós pensamos*, e não de um *eu penso*.

Nesta obra, como em *A casa dos espíritos* de Allende, os pesquisadores e pesquisadoras sabem que seus Cadernos de Campo, seus registros de pesquisa, são como os *Cadernos de Anotar a Vida*: são escritos que fazem a vida renascer no meio dos ventres, canetas, cadernos, cachorros vira-latas, fios, telas, chips e outros tantos humanos e não humanos. São escritos endereçados que hão de convocar outras(os) a escreverem, a pegar a caneta e narrar, ainda que por vezes a caneta pese na mão. Porque narrar, na pesquisa, é o radical gesto que faz a vida recomeçar, de novo e de novo, mesmo que os embates sejam intensos e o solo, por vezes, seja árido.

REFERÊNCIAS

Allende, I. *A casa dos espíritos*. (1982). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Bellacasa, M. P. Nothing comes without its world: thinkingwithcare. *The sociological review*, 60(2), pp. 197-216, 2012.

Despret, V. & Stengers, I. *Lesfaiseuses d'histoires. Ce que les femmes font à lapensée*. Paris: La Découverte / Les Empêcheurs de Penser en Rond, 2011.

Haraway, D. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

Haraway, D. *Seguir con el Problema. Generar Parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao: Consonni, 2019.

Moraes, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. Em: Moraes, M. & Kastrup, V. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual* (pp. 26-51). Rio de Janeiro: Nau Editora.

Moraes, M. & Tsallis, A. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Polis e Psique*, v. 6, pp. 39-50, 2016.

Taylor, Sunaura. *Beasts of Burden: Animal and Disability Liberation*. New York: The New Press, 2017.